

Revista Brasileira de Cartografia (2015) N^o 67/4 805-815
Sociedade Brasileira de Cartografia, Geodésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto
ISSN: 1808-0936

A CARTOGRAFIA PRIMITIVA DA BAÍA DE PARANAGUÁ (SÉCULOS XVI-XVII) E OS LIMITES DA AMÉRICA PORTUGUESA

The Primitive Cartography of Paranaguá Bay and the Limits of Portuguese America in XVIIth Century

Jefferson de Lima Picanço & Maria José Mesquita

¹Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Instituto de Geociências - Departamento de Geociências Aplicadas ao Ensino

Rua João Pandiá Calógeras, 51, sala 36, Cidade Universitária; CEP 13083-870 Campinas (SP)

jeffpicanco@ige.unicamp.br

maria.mesquita@ige.unicamp.br

Recebido em 16 de Setembro, 2012/Aceito em 03 de Novembro, 2012

Received on September 16, 2012/ Accepted on November 03, 2012

RESUMO

No século XVI a baía de Paranaguá foi uma região com acesso dificultado pelos problemas de navegação em sua barra, pela falta de comunicações imediatas com o interior e pelo fato de se situar numa zona disputada entre as duas potências coloniais ibéricas devido às ambiguidades do tratado de Tordesilhas. No entanto, ela é conhecida desde pelo menos 1550, quando foi visitada por Hans Staden, que aí já encontrou portugueses em contato com os índios. No século XVII o conhecimento sobre a baía aumentou progressivamente com o avanço das atividades de caça ao índio e pela mineração aurífera. A primeira representação da baía apareceu no mapa da Capitania de São Vicente, que consta no Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz I (o velho), entre 1631-42. Em 1653, durante o auge da mineração, Pedro de Souza Pereira fez sua primeira representação cartográfica exclusiva, mostrando o interior da baía e as minas de ouro. Estes dois mapas foram aproveitados por João Teixeira Albernaz II (o moço) em sua “Demotração (sic) do Pernagoa e Cananea”, de 1666. A representação iconográfica e os mapas mostram como a baía de Paranaguá foi sendo progressivamente incorporada a órbita colonial portuguesa durante os séculos XVI e XVII. Ao final do século XVII os limites entre os domínios espanhóis e portugueses estariam situados mais a sul, entre a Vila de Laguna e a Colônia do Sacramento.

Palavras chaves: Paranaguá, Cartografia Histórica, Mineração, Escravidão, América Portuguesa.

ABSTRACT

In the sixteenth century, Paranaguá Bay was a region of difficult access because of navigation problems of its mouth, the lack of easy fluvial communication with the continent interior, as well as for the fact of being in an area disputed between Portugal and Spain because of the ambiguities of the Treaty of Tordesillas. However, it is known since at least 1550, when it was visited by Hans Staden, who found some Portuguese men in contact with the Indians. In the seventeenth century the knowledge of the bay increased progressively with the advancement of the activities of Indian slavery and gold mining. The first cartographical representation of the bay appeared on the map of the captaincy of São Vicente, shown on the “Atlas of Brazil” by Joao Teixeira Albernaz I (the elder), between 1631-42. In 1653, during the gold mining boom, Pedro de Souza Pereira made the first exclusive cartographic representation of the bay, detailing its inner geographical features and showing its gold mines. Both two maps were used by João Teixeira Albernaz II (the boy) in his “Demotração (sic) of Pernagoa and Cananea”, 1666. The iconographic representation and maps show how

the Bay of Paranaguá had been progressively incorporated into the Portuguese colonial scope during the sixteenth and seventeenth centuries. At the end of the seventeenth century the limits between Spaniards and Portuguese would be located further south, between the villages of Colonia del Sacramento and Laguna.

Keywords: Paranaguá, Historical Cartography, Mining, Slavery, Portuguese America.

1. INTRODUÇÃO

A baía de Paranaguá é um importante acidente geográfico da costa sul-sudeste do Brasil (fig 1). Situada no atual estado do Paraná, a baía de Paranaguá tem hoje uma importante inserção na economia brasileira por meio da exportação de produtos agropecuários através de seus dois portos, Paranaguá e Antonina. Historicamente, a baía foi uma área importante na mineração aurífera seiscentista, além de induzir a da ocupação brasileira do planalto curitibano. Nos séculos seguintes, constituiu numa região de intercâmbio, através da navegação de cabotagem, entre o Rio da Prata e o Rio de Janeiro.

Este trabalho pretende discutir alguns aspectos da primitiva colonização da baía de Paranaguá e sua inserção no âmbito colonial português entre os séculos XVI e XVII. Esta discussão está fundamentada em fontes documentais escritas e mapas do período.

A região aparece pouco frequentemente nos relatos quinhentistas, sendo o livro de Hans Staden, publicado em 1557 uma exceção notável (Staden, 1999). Durante o século XVII ocorrem algumas menções a região na “*Guerra Brasileira*” de Brito Freire (1977 [1675]). Frei Pizarro, nas “*Memórias Históricas do Rio de Janeiro*” (1949 [1819]) é uma das fontes mais importantes

sobre a região. No século XIX, foi importante o trabalho de do memorialista Antônio Vieira dos Santos (Vieira dos Santos, 1951).

Existem ainda muitas perguntas relevantes sobre a área no período colonial. Como se deu a ocupação brasileira da baía de Paranaguá? Qual seriam as rotas aí estabelecidas, os pontos mais importantes de navegação e comércio? Essas e outras perguntas procuraram ser respondidas pela historiografia de diversas formas, incluindo aspectos geográficos, históricos, antropológicos e outros. Este trabalho tenta responder a algumas destas perguntas com uma abordagem através dos mapas antigos utilizados como fonte documental, ou seja, pelos métodos da Cartografia Histórica.

Muito sobre a história da colonização da baía de Paranaguá, inclusive passando pela análise de mapas antigos, foi realizado pelos historiadores paranaenses do início do século XX, como Francisco Negrão (1920), Ermelino de Leão (1927), Moisés Marcondes (1924) e Romário Martins (1945). Uma breve avaliação crítica de alguns pontos controversos destes trabalhos pode ser obtida em Picanço (2005). As informações sobre a cartografia do período colonial foram obtidas a partir do trabalho documental de Cortesão & Mota (1960). Também foi importante a contribuição do geólogo Reinhardt Maack, que realiza um importante estudo de Cartografia Histórica e estabelece algumas diretrizes geográficas dos estabelecimentos portugueses e espanhóis na região (Maack, 1959, 1969). Parte destas discussões aqui encontradas está presente também no Atlas Histórico Geográfico do Paraná, de Cardoso & Westphalen (1986).

Mais recentemente, foi publicado um livro contendo numerosos cartogramas da baía de Paranaguá (Soares & Lana, 2009). Apesar de seu importante trabalho de pesquisa e do levantamento histórico efetuado, este trabalho não se propôs a esclarecer alguns aspectos e relações importantes da Cartografia da baía de Paranaguá.

O presente trabalho parte do pressuposto que a colonização portuguesa da baía de

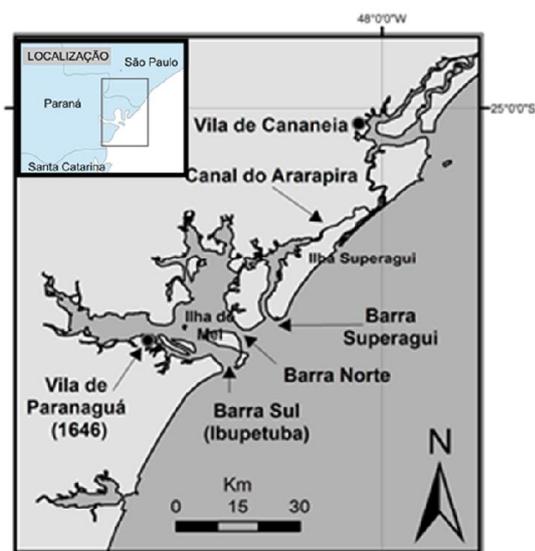


Fig. 1 – localização da baía de Paranaguá e seus principais acessos no século XVII.

Paranaguá, assim como todo o sul do Brasil até a região da atual cidade de Laguna, Estado de Santa Catarina realiza-se a partir da irradiação do núcleo original paulista durante os séculos XVI e XVII, visando primordialmente à busca de cativos (Monteiro, 1994). Nesse contexto, a expansão escravista paulista choca-se com os núcleos avançados da colonização espanhola do Paraguai, em especial com os núcleos dominados pelos padres da Companhia de Jesus. Ao mesmo tempo, esta ocupação é um pequeno episódio dentro do contexto da formação do espaço atlântico português, desenvolvido entre a metrópole, o Brasil e a África, especialmente Angola (Alencastro, 2000).

Em tempos recentes, o uso da cartografia histórica como ferramenta de análise, bem como o acesso a novas fontes documentais *online* tem ampliado a discussão (ver, por exemplo, Picanço, 2005; Picanço, 2009; Picanço & Mesquita, 2010). Neste trabalho, serão discutidas as representações da baía de Paranaguá nas litogravuras do livro de Hans Staden e os mapas específicos da baía de Paranaguá da obra de João Teixeira Albernaz I, João Teixeira Albernaz II e o mapa de Pedro de Souza Pereira, que constam na Tabela 1.

2. A BAÍA DE PARANAGUÁ

O Topônimo “*Paranaguá*” foi muitas vezes grafado em documentos e mapas seiscentistas como “*Pernagoa*”, “*Parnaga*” ou “*Parnaguay*”, sendo o primeiro a forma mais comum. Segundo Teodoro Sampaio (1901) “*Paranaguá*” significa “mar interior” em *tupiguarani* antigo, no sentido de uma baía ou lagoa grande. Para Reinhardt Maack, o topônimo “*Paranaguá*” tem o mesmo significado da palavra *tupiguarani* “*Guanabara*”, apenas invertendo as palavras, mas mantendo o significado (Maack, 1969, pg. 40).

O topônimo “*Pernagoa*” (ou Paranaguá) é encontrado no mapa-múndi pela primeira vez a partir do início do século XVII, como lagoa *Pernagoa*, sem o sentido moderno de baía (Maack, 1969). A primeira referência ao topônimo “*Paranaguá*” em documentos escritos é de 1614, com a concessão de uma sesmaria no “*Pernagoa*” a Diogo de Unhate (Martins, 1945).

A baía de Paranaguá despertou pouca atenção no início da exploração colonial. Um dos

prováveis motivos são as dificuldades impostas pela sua barra, que dificultava o trabalho de ancoragem das naus. Tudo indica que o seu acesso primitivo era feito a partir da vila de Cananéia, pelo canal do Ararapira e pela ilha de Superagüi. Hans Staden, do qual trataremos mais adiante, relata que os portugueses – procedentes de Cananéia - com os quais conversou no porto de Suprawa (Superagüi) ficaram espantados que o navio que os transportava tivesse conseguido entrar naquele porto sem nenhum conhecimento prévio de sua barra – “*disseram que devíamos ter um timoneiro muito habilidoso*”, relata Staden (1999 [1557], pg. 44).

Sua barra mais utilizada historicamente é a barra norte, pelo norte da Ilha do Mel. A partir de metade do século XX foi dragada a barra de Ubupetuba, ou Barra Sul, permitindo o acesso, por intermédio desta barra, por navios de grande calado. Esse é hoje o principal acesso à baía.

Da mesma forma, a baía de Paranaguá não possui grandes rios que possam estabelecer uma comunicação imediata com o interior, como o Ribeira de Iguape, caminho seguido pela expedição de Pero Lobo em 1532 ou o rio Itapocu, caminho da expedição de Dom Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, em 1541 (Maack, 1969). A grande barreira da Serra do Mar acompanhando a costa, com elevações de até 1800m, fez com que demorasse quase duzentos anos para que seus estreitos vales se constituíssem num caminho viável para o planalto curitibano.

Outro motivo importante é de natureza política: como muito bem notou Reinhardt Maack (1969, pg. 23 e seguintes), a baía de Paranaguá situava-se na “terra de ninguém” entre os estabelecimentos portugueses e castelhanos nesta parte da América, por causa das ambiguidades do Tratado de Tordesilhas. Durante quase todo o século XVI, a área ao sul de Cananéia teve uma fugaz presença espanhola, inicialmente em Cananéia e, depois, de maneira esporádica, na ilha de Santa Catarina (Picanço & Mesquita, 2010). Esta disputa e estas incertezas, ao longo de quase todo o período, também contribuíram para retardar a ocupação portuguesa da região.

3. HANS STADEN

Devemos ao aventureiro marburguês Hans Staden (ver Tabela 1), em seu livro “*História verdadeira e descrição de um país (...) no novo*

mundo denominado América”, publicado em 1557 na Alemanha, a primeira referência à atual baía de Paranaguá (Staden (1999 [1557], pg. 44). Na verdade, o navio em que estava Staden, que ia para o Paraguai na expedição Sanabria (1550) em direção ao Paraguai, é obrigado a entrar no porto de Suprawa (Superagüi) acossado por uma tempestade. Neste porto encontraram com numerosos nativos e com dois portugueses provenientes de Cananeia. Segundo os dois portugueses, os nativos da região de Superagüi eram tupiniquins, ao contrário da ilha de Santa Catarina, onde habitavam os carijós, seus inimigos.

Na xilogravura do livro de Staden (figura 2) aparece um navio num mar revolto, com a proa embicada para a terra. Um grande e esguio peixe (espada?) figura na parte de baixo, talvez sugerindo a brutalidade dos elementos naturais. Dentro do navio, os marinheiros de mãos juntas parecem estar rezando. A baía é mostrada por uma reentrância com três ilhas em seu interior – representando as suas barras. Na parte de cima, há a representação de dois animais, um jaguar e um gambá (?), com a palavra (Suprawa). Montanhas e árvores representam respectivamente o relevo e a vegetação do entorno da baía.

Para Reinhardt Maack (1969, pag. 23), a baía de Paranaguá não foi inicialmente reconhecida desde o mar, mas sim pelos canais (o varadouro velho) que a ligam à região de Cananéia. Esta ocupação teria iniciado, segundo

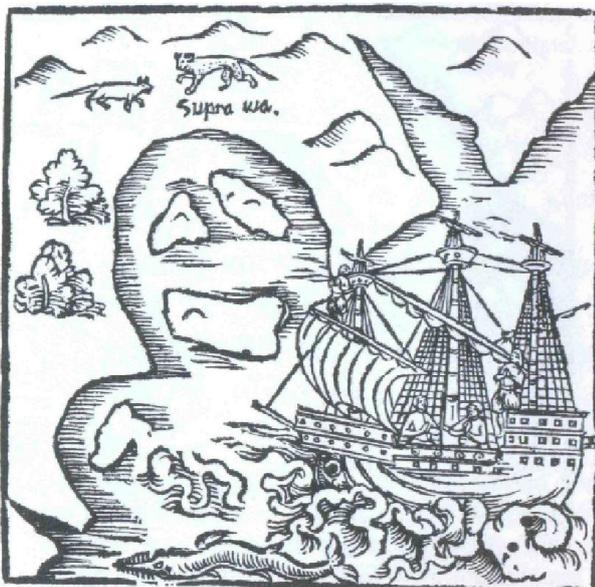


Fig. 2 – Xilogravura do Livro de Hans Staden representando a baía de Paranaguá.

Maack (op. cit.) já a partir de 1501. No entanto, sabe-se que em 1535 Cananéia era ocupada por espanhóis, os quais chegaram a entrar em conflito e saquear a vila de São Vicente, depois fugindo para Buenos Aires e Assunção (...).

De qualquer forma, os europeus que Hans Staden encontra em Superagüi em 1549 são portugueses, vindos de Cananéia. Durante várias décadas, no entanto, a ilha de Santa Catarina, pouco mais ao sul, era ponto de descanso das expedições espanholas em direção ao Prata ou ao Paraguai. A primeira expedição que atinge o planalto curitibano é provavelmente a comandada por Aleixo Garcia, em 1525 ou 1526. Provavelmente partiu da ilha de Santa Catarina e subiu o rio Itapocu em direção ao Planalto. O mesmo caminho foi tomado pelo *adelantado* Cabeza de Vaca em 1541, o qual proclamou como território do rei da Espanha a região do planalto curitibano, na região de Tindiquera (Cabeza de Vaca, [1555] 1993).

O que se sabe, entretanto, é que ao final do século XVI a região da baía de Paranaguá estava na órbita portuguesa. O memorialista oitocentista Vieira dos Santos, em sua obra *“Memória Histórica de Paranaguá”* (1951) citando a obra do padre Vasconcellos – *“A Vida do Padre Almeida”* (1662) - nos diz que os santistas costumavam ir a Paranaguá fazer *resgates* com os carijós (Vieira dos Santos, 1951, pg. 27). O termo *“resgate”* esconde, eufemisticamente, na linguagem dos séculos XVI-XVII, o ato de apresamento de cativos (ver Monteiro, 1994). Logo, nos parece que a região de Paranaguá, habitada por uma população estimada em 6 a 8 mil índios, segundo padre Vasconcellos (apud Vieira dos Santos, 1951) era um local onde os Vicentinos (os Santistas, ou seja, da vila de Santos) iam apresiar a mão-de-obra indígena. Essas expedições vicentinas também eram muito comuns também direcionadas à região da lagoa Upava, atual cidade de Laguna (Monteiro, 1994). Muito mais do que a busca por metais preciosos, o apresamento deve ter impulsionado a descoberta da região, embora ainda não sua ocupação pelos vicentinos.

4. JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZI (O VELHO)

A baía de Paranaguá não consta nos mapas de João Teixeira Albernaz I, ou O Velho,

Tabela 1: Indicação das representações cartográficas da baía de Paranaguá nos séculos XVI-XVIII

autor	título	data	mapoteca	observação	ref
Hans staden	“História verdadeira (...) no novo mundo”	1557	n/d	Ilustração (xilogravura)	1
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1627	Bibliothèque Nationale de Paris	A baía de Paranaguá não está representada	2
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1631	Ministério das relações exteriores, RJ	Três barras nomeadas	2
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1640	Arquivo Histórico Ministério Finanças, Lisboa	Três barras não nomeadas	2
João Teixeira Albernaz I	Atlas do Brasil	1642	Ministério das Relações Exteriores, RJ	Três barras não nomeadas	2
Pedro de Souza Pereira	n/d	1653	Biblioteca Nacional de Lisboa	Minas de ouro	3
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1666	Ministério das Relações Exteriores, RJ	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1666 (?)	n/d	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1670	n/d	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2
João Teixeira Albernaz II	Atlas do Brasil	1675	n/d	Compilação do mapa de Pedro de Souza Pereira	2

Referencias: 1) Staden, 1999; 2) Cortesão e Mota, 1960; 3) Picanço, 2009;

no “*Livro que dá Razam do Estado do Brasil*” (1615), atribuído a Diogo de Campos Moreno (Viana, 1955). Também não está representada no Atlas do Brasil de 1627 do mesmo João Teixeira, cujos originais encontram-se na Bibliothèque Nationale de Paris (Mota, 1960a). Neste Atlas há um mapa que representa a costa entre São Vicente e o Rio da Prata, no qual, segundo as anotações contidas no mapa “...mostrace a costa que vay do porto de são Vicente pêra o rio da prata na qual esta hû bõ [um bom] porto a que chamão Upava [Laguna]”. A terra “He (..)

fértil de gados e mantimentos os abitadores (sic) desta terra he gente domestica a que chamam os patos...”, ou seja, populações carijós ou guaranis.

Neste mapa constam os rios Iboypitve, Ararungua [Araranguá], Yousanga [Urussanga], a lagoa Upana e o rio Buacan e a ilha de Santa Catarina. Ao norte desta ilha o mapa mostra o “rio de Cananéia”, a vila de NS conceição [Itanhaém], a bacia Pinaíba e a cidade de São Vicente. Toda a costa está bordejada pela serra de Paranapiacava.

A primeira representação cartográfica da

baía de Paranaguá está no “Atlas do Brasil” de 1631 de João Teixeira Albernaz I (tabela 1), com trinta e seis cartas (estampas 473-481), 445x657 mm, que consta da mapoteca do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro (Mota, 1960b). Também existem exemplares na Bibliothèque Nationale de Paris, Ministério das Relações Exteriores (Rio de Janeiro), Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Biblioteca da Ajuda (Lisboa) e a Coleção Souza Leão (Rio de Janeiro).

O título é “*Estado do Brasil coligido das mais sertas (sic) notícias q pode aiuntar Dõ Leronimo de Ataíde. Por João Teixeira Albernaz, cosmógrapho de sua magde, anno 1631*”. Na folha da capitania de São Vicente consta o rio Guaratuba e a baía de Paranaguá, com as barras de Ipa Pupetuba, Baciabacuy (sic) e Superabu, de sul para norte respectivamente. A seguir, rumo norte, consta a barra do Ararapira e de Itaquaquatiava e a cidade de Cananéia, com a inscrição “primeira povoação da capitania de São Vicente”. A atual Ilha Comprida está nomeada como “Ilha Cananea”, com uma observação sobre o canal: “*por este rio navegam embarcaçoens piquenas*”. Mais ao norte está assinalada a barra do rio Ugua [Una].

Este mapa foi feito com base nas observações de D Jerônimo Ataíde, sexto Conde de Atouguia, para o cartógrafo português João Albernaz I. Nela, estão representadas tão somente as três barra da baía de Paranaguá, o que provavelmente representava todo o conhecimento que se tinha do interior da baía até esta época. Outro detalhe importante no mapa é a representação dos limites da capitania de São Vicente, na época avidamente disputada pelos descendentes de Martim Afonso de Souza.

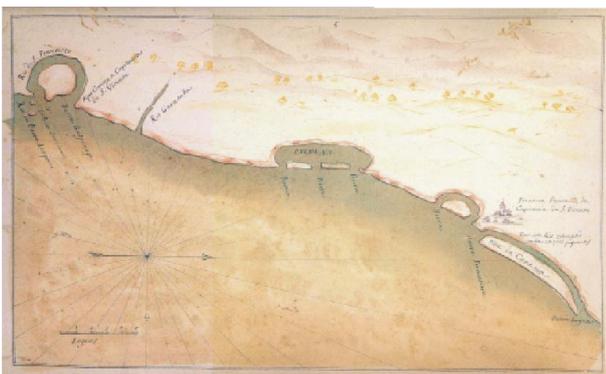


Fig. 3 – Mapa de João Teixeira Albernaz I, o velho; Atlas do Brasil, 1631.

De João Teixeira Albernaz I há uma terceira representação (figura 3 da baía de Paranaguá no seu “Atlas do Brasil” de 1640, com trinta e duas cartas, 445x657 mm, Mota, 1960c). Pertence à Mapoteca do Arquivo Histórico Ministério das Finanças, Lisboa. Também existe exemplares na Bibliothèque Nationale de Paris, no Ministério das Relações Exteriores (Rio de Janeiro), na Biblioteca e Arquivo Público do Pará, na Biblioteca da Ajuda (Lisboa) e na Coleção Souza Leão (Rio de Janeiro) (Mota, 1960c).

O primeiro elemento representado na carta da Capitania de São Vicente é o Rio de São Francisco, atual ilha de São Francisco do Sul, com as barras de Araquari e Surgidouro ao sul e Baupitanga [Babitonga] ao norte. Logo a seguir, vem a informação de que ali começava a capitania de São Vicente. Depois, verifica-se o rio de Guaratuba, a baía de Pernagoá (Paranaguá) com as suas três barras não nomeadas. Também não está nomeada a barra de Ararapira, mas está nomeada a barra de Itacoatiara. A representação de Cananéia é a mesma do mapa de 1631.

Neste atlas de 1640 há algumas pequenas explicações para os diferentes mapas. Assim, de sul para norte “*do rio de São Frco [São Francisco] que já fiz menção vê[m] continuando a costa sempre ao nornordeste até, a ilha que chamão de Cananéia, que esta em vinte e cinco grados e dous terços, da parte de sul*”. O texto informa que “*nella ha alguns surgidouros de bom fundo como he hua enceada que chamão Parnagoa*”, a qual tem “*na boca (...) duas ilhas que fazem três barras ou entradas pera dentro da dita enceada que os práticos dizem terem cinco e seis braças de fundo*”.

Um fato interessante é que, apesar de já se ter indícios, nesta época, de produção de ouro em Paranaguá (Nogueira e Maffei, 1966), esse ouro ainda não é nem representado nem sequer citado nos mapas ou nos textos que os acompanham. Na carta que representa a cidade de São Vicente, por exemplo, existe uma referência no texto de que a região “*(...) produz trigo e m[ui]tos frutos e mantimentos e des [dez] legoas da barra para o ocidente tem as minas de São Paulo, de que se tira ouro*”.

Há uma quarta representação da baía de Paranaguá no Atlas do Brasil de 1642 de João Teixeira Albernaz I (tabela 1), em tudo semelhante à carta do Atlas de 1640. Este atlas

as minas, no entanto, reduzem-se a apenas três, e não colocadas nos afluentes do rio Cubatão, mas longe de qualquer rio. Não existem referências à Curitiba e somente cinco ilhas estão representadas: as ilhas do Mel, das Pessas (Peças), das Cobras e das Gamellas. A vila do Pernagoa (Paranaguá) encontra-se representada por três casas e uma igreja, enquanto que a vila de “São João da Cananéya” está representada por quatro casas e duas igrejas, talvez como indicação de seu maior tamanho ou importância.

7. DISCUSSÕES

A baía de Paranaguá apresenta-se como uma região pouco conhecida no início do século XVII, cuja única referência conhecida é a obra de Hans Staden. Aliás, a ilustração do livro de Staden nada tem de cartográfica, mas sim se trata de uma ilustração pictórica retratando um episódio particular num livro de viagens.

A cartografia da baía de Paranaguá através dos diferentes mapas e ilustrações sumarizadas na tabela 1 nos mostra um sensível acréscimo de informações cartográficas obtidas ao longo do século XVII.

Uma primeira evidência do aumento do conhecimento sobre a área, conforme já alertou Maack (1969), é a mudança na denominação do topônimo, que vai passando da designação quinhentista Superagui e suas variações “*Suprawai*” e “*Suparabu*” – hoje somente uma das ilhas da entrada da baía – para o topônimo Pernaguá ou Paranaguá a partir do início do século XVII (Maack, 1969).

Em princípios da década de 1630 em diante, a baía de Paranaguá passa a ser cartografada, e com níveis cada vez maiores de complexidade. As cartas dos diversos “Atlas do Brasil”



Fig. 5 – Mapa de João Teixeira Albernaz II, ou o Moço.

(edições de 1631, 1640 e 1642), onde a baía é cartografada por João Teixeira Albernaz I (o velho), apresentam só a referência às suas barras, sendo o interior da baía conhecido somente por inferências. Também não há nestes mapas nenhuma referência à ocorrência de ouro no seu interior, em contraposição com a região aurífera ao redor da Vila de São Paulo, já bastante conhecida.

O nível de conhecimento das áreas no interior da baía de Paranaguá começa a aumentar sensivelmente quando a região torna-se uma produtora de ouro, a partir de 1640.

Com o deslocamento da exploração aurífera mais para o sul, as lavras do rio Ribeira e as lavras de Paranaguá e Curitiba passam a ser cada vez mais importantes. A fundação das vilas de Iguape, próximo de Cananéia, em 1637, a fundação de Paranaguá em 1648 e Curitiba em 1668, são um indício desta importância.

O mapa de Pedro de Souza Pereira, feito no auge da exploração aurífera em 1653, é um documento importante, onde o interior da baía é cartografado com detalhes, inclusive mostrando a localização das minas de ouro aí lavradas. A rica cartografia das minas de ouro, dos diferentes rios do interior e das vilas de Paranaguá e Curitiba faz deste documento cartográfico uma importante fonte para se conhecer a ocupação do território, bem como a exploração de ouro praticada neste período.

Os mapas feitos por João Teixeira Albernaz II são um aperfeiçoamento dos dados contidos no Atlas do Brasil, de Joao Teixeira Albernaz I, incorporando as informações contidas no mapa de Pedro de Souza Pereira (figura 6). Pode-se claramente perceber que, além da

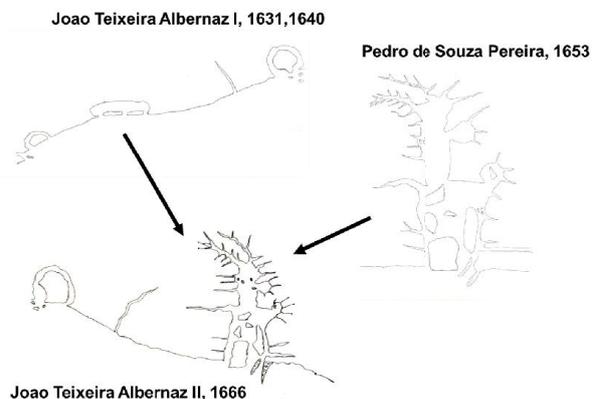


Fig. 6 – Evolução das representações cartográficas da baía de Paranaguá durante o século XVII.

cartografia regional, o mapa de Albernaz II faz um aproveitamento quase integral das informações do mapa de Pedro de Souza Pereira.

A cartografia da baía de Paranaguá através dos diferentes mapas analisados reflete o aumento de importância da área como região mineradora e também é uma boa medida do avanço das cidades portuguesas a partir do núcleo representado por São Vicente e São Paulo. No final do período quinhentista, o limite dos domínios portugueses era a vila de Cananéia. Neste outro momento, em meados do século XVII, Paranaguá era a vila mais meridional do Brasil (Martins, 1945).

O avanço concomitante do bandeirismo predador de índios e das atividades de mineração são as atividades que marcam esta expansão para sul. Em finais do século XVII este movimento vai se consolidando, com o estabelecimento, da Colônia do Sacramento (1680), na foz do Rio da Prata. Da mesma forma, vai sendo ocupado o extremo sul, com o surgimento das vilas de Laguna, Desterro (Atual Florianópolis) e da cidade do Rio Grande, em finais do século XVII e inícios do século XVIII. Mas, aí, já se trata de outro momento histórico.

8. CONCLUSÕES

Ocupar um território é mapeá-lo; mapear um território é ocupá-lo. Na ocupação desta região periférica da América portuguesa, essa premissa se torna bastante concreta. A baía de Paranaguá vai se inserindo lentamente, durante o século XVII, dentro da órbita portuguesa. Sua representação cartográfica se torna cada vez mais complexa na medida em que progride esse conhecimento e essa ocupação.

A evolução dos diferentes mapas indica que o início da atividade mineradora torna-se mais intensa na metade do século XVII. Essa é uma premissa importante, que vai contra correntes historiográficas tradicionais paranaenses que postulam um início da atividade mineradora na região de Paranaguá já em meados do século XVI (ver a esse respeito Picanço, 2005). Para tanto, essa atividade mineradora precoce deveria ter gerado um aumento do conhecimento e ocupação da área, traduzida em ocupação do território e sua representação cartográfica.

A análise dos diferentes mapas discutidos no presente trabalho mostra que esse salto em complexidade se dá em meados do século XVII.

De zona incerta entre os domínios ibéricos, a análise cartográfica mostra que a região da baía de Paranaguá a partir deste período passa claramente a fazer claramente parte do âmbito colonial português. O uso de métodos e técnicas de Cartografia Histórica, como o utilizado no presente artigo é uma ferramenta inestimável no estudo de territórios em períodos históricos onde fontes de outra natureza são escassas ou inexistentes.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao FAEPEX - Funcamp pelo suporte a este trabalho, através dos auxílios 79311 e 94211, projeto “A Mineração Nos Séculos XVI E XVII na Capitania de São Vicente”. Agradecem também ao revisor, pelos comentários e sugestões apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias Impressas

Carta do administrador das minas do sul, Pedro de Souza Pereira para d João V em que dá conta do mau procedimento dos descobridores das minas. Santos, 8 de julho de 1653. **Rev. Inst Hist. & Geog. Bras.** Tomo especial I, 24-25pp., 1956.

Carta do Provedor da Fazenda do Rio De Janeiro e Administrador Geral das minas do sul do Brasil Pedro de Souza Pereira, dirigida ao R, na qual o informa circunstanciadamente acerca das minas que se tinham descoberto e do que era necessário fazer-se para as conservar. Vila da Conceição, 20 de maio de 1653. **Anais Bibl. Nac.** 39:202-205, 1956.

Fontes Secundárias

ALENCASTRO, L.F. **O Trato Dos Viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul.** Cia das Letras, 525 pag., 2000.

BRITO FREIRE, F. **Nova Lusitânia: historia da guerra brasílica.** Governo de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura. (2. ed.), 1977.

CABEZA DE VACA, A. N. **The account: Alvar Núñez Cabeza de Vaca's Relación.** Arte Publico Press, [1555] 1993.

CARDOSO, J. A. & WESTPHALLEN, C. M. **Atlas Histórico do Paraná.** Curitiba, Livraria do Chain Editora, 1986.

- CORTESÃO, J. & MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., 1960.
- LEÃO, E. Minas de Paranaguá. In: Leão, E. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Paraná**. Tomo VII, pag. 1322-1348, 1927.
- MAACK, R. Contribuição à história das explorações geográficas e geológicas do estado do Paraná. In: Maack, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. BADEP/UFP/IBPT, 1969, 350 pp.
- MAACK, R. Itinerário de Ulrich Schmidel através do Sul do Brasil nos anos de 1552-1553: Uma pesquisa histórico-geográfica. **Geografia Física** 1, Conselho de Pesquisas da Univ. do Paraná – 2:5 - 29 1959.
- MARCONDES, M. Planta da Baía de Paranaguá – nota Explicativa. In: Marcondes, M. (org) **Documentos para a história do Paraná**. Curitiba, 3-27pp., 1924.
- MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba, Travessa dos Editores, 1995, 524 p., 1945
- MONTEIRO, J. M. **Negros da Terra – Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo**. Companhia das Letras, 300 p., 1994.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1627 na Biblioteque Nationale de Paris – estampas 453-458. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols, vol. IV, 103-107pp., 1960a.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1631, com trinta e seis cartas.. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols, vol. IV, 119-122pp., 1960b.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1640, com trinta e duas cartas. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols vol. IV, 125-132pp., 1960c.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1642, com vinte e três cartas (truncado), pag 125-132. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., vol. IV, 125-132pp., 1960d.
- MOTA, A. T. João Teixeira Albernaz II, Atlas do Brasil de 1666/1670/1675. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., vol. V, 75-93pp., 1960e.
- NEGRÃO F. **As Minas de ouro da Capitania de Paranaguá (1640-1649)**. Paranaguá, O Itiberê, 56 p., 1920.
- NOGUEIRA, A, R. & MAFFEI, L.A. O ouro na capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. **Bol Inst. Hist. SP**, 7-135pp., 1966.
- PICANÇO J. L. Comentários sobre o artigo “O Paraná na história da Mineração no Brasil no século XVII” de Liccardo et al. (2004). **Boletim Paranaense de Geociências**, 56:121-123pp., 2005.
- PICANÇO, J.L. A pesquisa mineral no século XVII – o mapa de Pedro de Souza Pereira (1653). In: 40º Congr. Bras. de Geologia. Soc Brás. GEol., Belo Horizonte, 1998. **Anais**. 162pp. .
- PICANÇO, J.L. & MESQUITA, M.J. O Cristal, o Ferro e o Sal: Recursos Minerais do Antigo Guairá (1557-1632). **Terrae Didática**, v. 6:67-75, 2010.
- PICANÇO, J.L. A Pesquisa Mineral No Século XVII: O Mapa De Pedro De Souza Pereira (1653). In: Simpósio Luso-Brasileiro De Cartografia Histórica. **Anais**. (<http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/resumos-trabalhos.htm>), 2009.
- PICANÇO, J.L. Concepções seiscentistas e setecentistas sobre a formação de ouro aluvionar no Brasil colonial. In: Colóquio de História da Ciência USP, **Caderno de Resumos**, p 55, 1997.
- PIZARRO & ARAUJO, J. S. **Memórias históricas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ, Imprensa Nacional,. 9 v. , 1945-48.
- SAMPAIO, T. **O tupi na Geographia Nacional**. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico

de São Paulo. São Paulo, Casa Eclética, 168 pag, 1901. In: http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi (pesquisa em 26/03/2010)

SOARES, C.R. & LANA, P.C. **Baía de Paranaguá – mapas e histórias**. Curitiba, Ed UFPR, 2ª edição, 2009.

STADEN, H. **Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes**. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo, Primeiro Nome, [1557], 1999.

VIANNA, H. (Ed). **Livro que dá razam ao estado do Brasil, por Diogo de Campos Moreno**. Edição crítica e notas, de Helio Vianna. Recife, Arquivo Publico Estadual, 224 pag, 1955.

VIEIRA DOS SANTOS, A. **Memória Histórica de Paranaguá (Volume I)**. Curitiba, seção de historia do museu paranaense, 410 p., 1951

Mapas Citados

Capitania De Santo Amaro. Por João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil (1640) Arq Histórico Ministerio Finanças, Lisboa. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., estampa 489, 489x675mm, 1960.

Capitania De São Vicente. Por João Teixeira

Albernaz I, Atlas do Brasil (1631), Ministério das relações exteriores, RJ. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda, 5 vols., estampa 475 , 445x675mm.,1960.

Demotração Do Pernagoa E Cananea. Por João Teixeira Albernaz II, Atlas do Brasil (1666), Ministério das relações exteriores, RJ. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., vol V, 1960.

Mostrace A Costa Que Vai Do Porto De São Vicente Pêra O Rio Da Prata. Por João Teixeira Albernaz I , Atlas do Brasil (1627) Bibliotéque Nationale de Paris. In: CORTESÃO, A. e MOTA, A. T. (Eds.) **Portugalia Monumenta Cartographica**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa Da Moeda 1960, 5 vols., estampa 454a, 413x587mm,1960.

Planta da Bahia de Paranaguá, compreendendo as barras de Soporagui e de Ubupetuba, as ilhas do Mel, das Peças das Cobras, das Gamelas, Rosa, Ibirarema e perspectiva da cidade de Paranaguá. 0,3x 0,41m, colorida, nº 373 da coleção de mapas. **Anais Bibl. Nac.** 39:209, 1956.